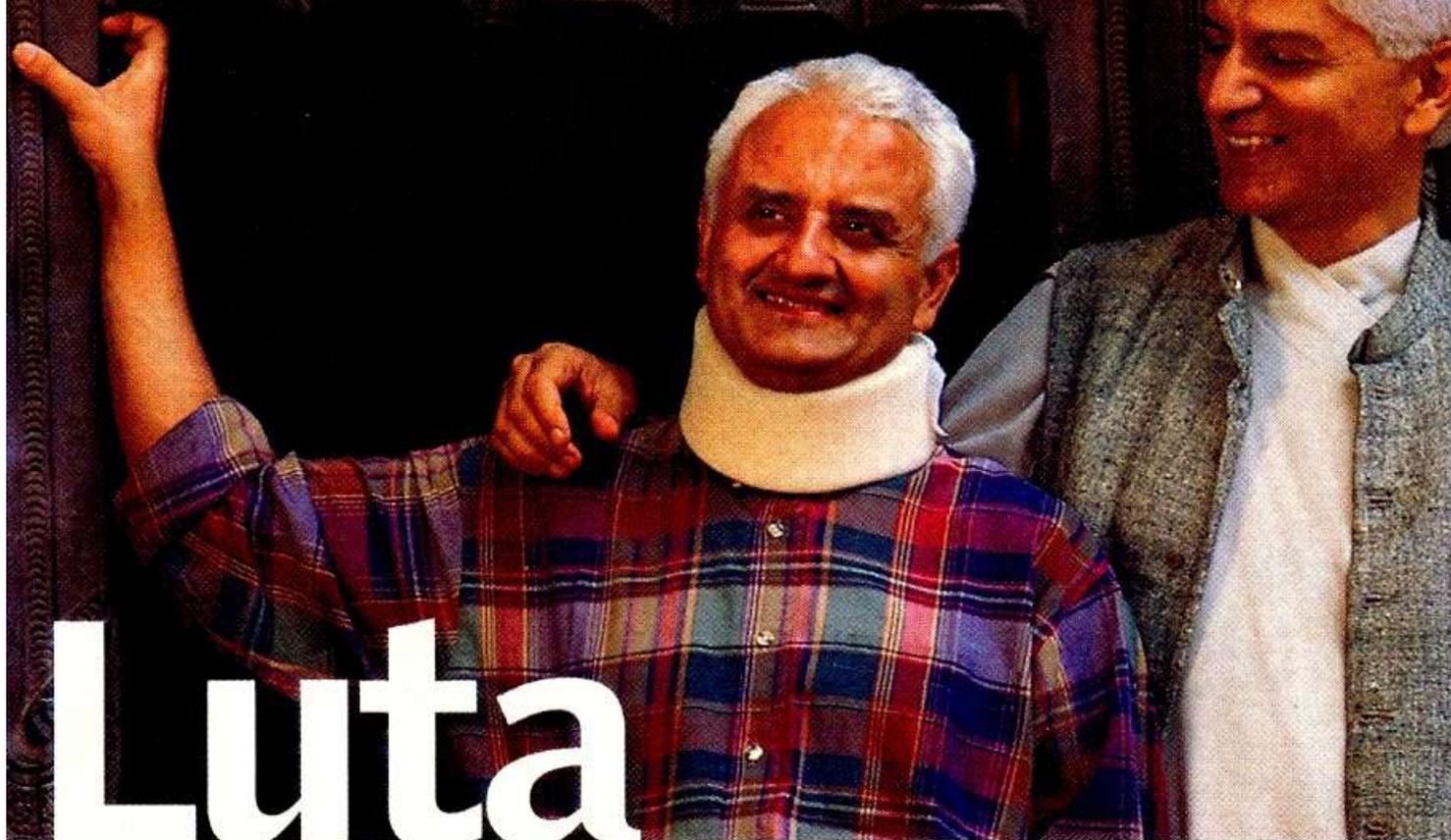


Uma combinação entre o acaso e a determinação de Kunda (à direita) levou-o ao ponto em que o irmão, Kanak, caíra.



# Luta para viver

POR FERGUS BORDEWICH

**K**ANAK MANI DIXIT olhou para o vale escarpado e o rio agitado à sua frente com um sorriso estampado no rosto. A maior parte dos seus dias era preenchida com obrigações de um tipo ou de outro – amigos, família ou a revista que ele, aos 44 anos, publicava em Katmandu, no Nepal. Gostava de sua vida atribulada, mas uma excursão pelo coração do país era exatamente do que precisava para recarregar as

baterias. Agora, depois de quase duas semanas, Kanak estava no último dia de sua viagem. O experiente excursionista pegaria um avião para casa no dia seguinte.

Ele olhou ao redor. Com exceção de um ou outro carregador levando fardos de querosene e de mantimentos, havia poucos excursionistas na trilha naquela manhã de um domingo de agosto de 2000. Era a estação das monções e chovia quase todos os dias.

Quando Kanak se aproximou do penhasco de Lili Bhir, um deslizamento de rochas salientes caiu sobre a trilha de um metro de largura como uma cortina, fazendo desmoro-nar a encosta íngreme e pouco arborizada. Talvez Kanak tenha pisado em uma pedra escorregadia – ele nunca soube o que aconteceu. De repente, deu-se conta de que seus pés perdiam o contato com o chão e tentou em vão se agarrar a algo, mas começou a rolar encosta abaixo. Depois não viu mais nada.

co a fim de fazer um apoio para os pés e o pressionou com firmeza no solo de cascalho. *Com sorte isto vai agüentar*, pensou ele. Ao longe, lá embaixo, Kanak ouvia o rugido ensurdecedor do Rio Marsyangdi.

A 160 QUILÔMETROS dali, Shanta Dixit ficou preocupada quando o carro enviado ao aeroporto de Katmandu para buscar seu marido voltou sem ele. Esse não é o estilo de Kanak, disse a si mesma. Ele sempre telefona quando perde um voo.

## Kunda avistou a mochila. **Com uma pontada de dor, pensou: Ele se foi!**

Quando voltou a si, já era de tarde. Havia caído mais de 20 metros e jazia de costas em um declive íngreme e pedregoso, a alguns metros da borda de um segundo penhasco.

Ao olhar para cima, percebeu que subir de novo até a trilha estava fora de questão. Escorregou pela saliência da pedra, buscando um local mais seguro. Entretanto, 12 metros mais adiante, a saliência terminava. Agora ele estava escondido pelo matagal, fora do alcance de visão da trilha, mas voltar era impossível. O menor movimento lhe causava dores agudas no pescoço, na cabeça e nas mãos.

Kanak sentiu o corpo se deslocar e viu que o solo encharcado estava cedendo, fazendo-o escorregar em direção ao precipício. Usando apenas as pernas, moveu um pequeno tron-

Shanta ligou imediatamente para a polícia, mas não havia notícias de acidentes. Passou acordada a maior parte da noite de segunda-feira, esperando um telefonema do marido.

Na manhã seguinte, Shanta convocou os membros da família e alguns amigos, inclusive Kunda, o irmão mais velho de Kanak, um editor de jornal magro e afável.

– Precisamos ir procurá-lo! – disse Shanta, com voz tensa.

– É provável que ele tenha tomado outro caminho – argumentou Kunda. – Devíamos esperar mais um dia.

– Não, temos de agir agora! – insistiu Shanta. – E se ele estiver caído em algum lugar?

Convencido pela angústia dela, Kunda resolveu ir de carro a Besi Sahar, a seis horas de distância, e se-



**De repente, Kanak Dixit escorregou na trilha estreita e começou a rolar em direção ao precipício.**

guir a trilha que Kanak percorrera. O amigo dele, Padam Ghaley, que tinha uma agência especializada em *trekking*, iria junto.

Quando os dois estavam prestes a partir, Kunda soube que a estrada estava fechada por causa de um deslizamento de terra. “Por que não vamos de helicóptero?”, sugeriu Padam.

Às 14h30, Kunda, Padam e Raju Gurung, um dos guias de Padam, estavam reunidos no aeroporto de Katmandu. No momento em que Kunda

ia desligar o celular e entrar no helicóptero, o aparelho tocou. O escritório dele estava fazendo ligações por todo o vale, tentando localizar Kanak. O gerente de um hotel no vilarejo de Jagat, uma hora de caminhada ao norte de Lili Bhir, disse que ele partira na manhã de domingo.

“Mude o plano de vôo. Vamos para Jagat!”, gritou Kunda para o piloto.

O helicóptero elevou-se por uma brecha entre as nuvens de tempestade que pairavam sobre as montanhas. Menos de uma hora depois, voava entre as vertentes estreitas do vale do Rio Marsyangdi – exatamente sobre o ponto onde estava Kanak.

Àquela altura, Kanak vinha mantendo sua precária posição na saliência da rocha por mais de 50 horas. Sua mochila, com toda a comida, desaparecera. Com dores torturantes, só conseguiu virar o corpo o suficiente para se reclinar e sorver diminutas poças de água lamacenta. Para isso, levou o dia inteiro, mas sabia que o líquido o manteria vivo.

“Socorro!”, gritava, quando conseguia reunir forças. Ninguém que passasse pela trilha, porém, poderia ouvi-lo, por causa do rugido do rio.

Kanak sentiu que tinha uma ferida aberta no crânio e sabia que ela acabaria infeccionando. Quando dois macacos curiosos se encarapitaram no galho de uma árvore próxima, passou por sua mente a idéia de que seria ali que os abutres pousariam se ninguém o encontrasse.

“Ainda estou vivo!”, disse em voz alta. “Mas por quanto tempo?”

**A**SSIM QUE O helicóptero pousou, na tarde de terça-feira, Kunda e seus companheiros seguiram a trilha partindo de Jagat. Avançavam bem devagar, perguntando a cada viajante que encontravam se tinham visto um homem pequeno, de *short* preto e mochila azul.

“Havia alguém assim em Besi Sahar ontem”, disse um carregador, pouco antes do anoitecer.

Kunda se agarrou às palavras dele. “Ligaremos para casa quando alcançarmos o próximo telefone e diremos a Shanta que ele está bem”,

planejou, antes de o grupo se recolher para pernoitar em um hotel ao longo da trilha.

Na manhã seguinte, Kunda e Padam andaram mais depressa, calculando chegar a Besi Sahar até o fim do dia. Mas Raju Gurung ficou para trás. Ele ouvira rumores sobre pessoas que haviam caído do penhasco naquele ponto. Caminhava examinando cada pedra, cada árvore e cada fenda da trilha.

De repente, Raju apontou para o declive quase a prumo.

– Ali! – gritou. – Lá embaixo, naquela saliência!

Retrocedendo, Kunda a princípio viu apenas o penhasco vertiginoso e a vegetação rasteira. Depois, viu de relance algo azul, parcialmente oculto pelos arbustos: uma mochila.

– É a de Kanak! – exclamou.

Sentiu então uma repentina pontada de dor e pensou: *Meu irmão se foi!*

Raju desceu com cautela pelo declive escorregadio. Para sua surpresa, a mão de Kanak se levantou ligeiramente e acenou:

– Estou aqui! – ele tentou gritar.

Raju analisou a situação. Kanak estava coberto de lama e sangue da cabeça aos pés, e formigas vermelhas se apinhavam em suas feridas.

– A cabeça dele está rachada – avisou Raju ao voltar para a trilha. – Mas ele está vivo!

Uma pequena multidão começava a se formar. Era evidente que Kanak teria de ser trazido para a trilha, e rápido. Ele podia estar a apenas horas, ou até minutos, da morte.



Jyoti Gurung, uma enfermeira a caminho do trabalho, avistou dois carregadores fortes e pediu ajuda.

Mas os homens, Yubaraj e Aite Gurung, responderam que era perigoso demais.

- Além disso - acrescentou um deles -, se ele morrer, vai se tornar um caso de polícia, e não queremos nos envolver.

- Se eu mesma pudesse recolhê-lo, eu o faria - disse Jyoti. - Mas sou mulher. Vocês são homens, são fortes.

Com o orgulho masculino atizado, os dois concordaram em ajudar, e Yubaraj começou a descer até a saliência onde estava Kanak.

NESSA ÍNTERIM, Raju havia improvisado um assento com alguns galhos grossos e uma corda. "Vamos amar-

**Padam Ghaley (à esquerda) e Raju Gurung, que conheciam a trilha, juntaram-se à busca por Kanak.**

rá-lo às costas de um dos carregadores", disse ele a Kanak, que ora ria, ora chorava. "Você vai ter de se sentar nisto."

Kanak foi cuidadosamente colocado no assento improvisado e depois amarrado, com o rosto para a frente, às costas de Yubaraj. Do mesmo jeito como os carregadores transportam grandes cargas de suprimentos através das montanhas, uma corda foi passada pela testa de Yubaraj e presa ao assento. Raju e um nativo enrolaram outra corda em volta dos torsos de Kanak e do carregador, a fim de dar mais estabilidade aos dois.

Vários outros homens já haviam

deslizado até o meio do declive, agarrando-se a cordas ou moitas de grama, arbustos e pedras, preparando-se para ajudar.

Após pegar a corda de um deles, Yubaraj se curvou para a frente até quase se dobrar e começou a subida íngreme, escorregadia por causa da chuva. Raju e outros empurravam suas pernas por trás, enquanto ele dava um passo doloroso atrás do outro.

Raju sentiu medo. Se Yubaraj esmorecesse, talvez não conseguisse recomeçar. Se alguém escorregasse, todos viriam abaixo, mergulhando no precipício e nas águas turbulentas do rio.

No meio da subida, Yubaraj deparou com uma pedra pouco mais alta do que ele. Como não havia como contorná-la, ele se agarrou a ela e, com um tremendo ímpeto de energia, alçou a si mesmo e a Kanak sobre a borda.

Passo a passo, com cuidado, Yubaraj continuou a subir. Finalmente, o carregador chegou à trilha.

– Você vai ficar bem – disse Kunda ao irmão. – Vamos tirá-lo daqui.

Vendo a angústia dele, Kanak forçou um sorriso descontraído e perguntou:

– Mandaram o jornal para a gráfica? Quais foram as notícias da primeira página?

*A queda despedaçou duas vértebras do pescoço de Kanak e quase partiu sua medula espinhal. No entanto, dois meses depois, ele já havia recuperado o controle dos membros quase totalmente.*

*“É incrível que eu esteja vivo”, afirma ele. “Se Shanta tivesse sido menos insistente, eles não teriam partido a tempo. Se Kunda não tivesse usado um helicóptero, eles não teriam me alcançado a tempo. E se Raju não tivesse procurado com tanta atenção, eu jamais teria sido encontrado.”*

*Como presente para os nativos e carregadores que ajudaram a salvar sua vida, Kanak mandou instalar uma grade de proteção ao longo da trilha em Lili Bhir e criou a Sociedade de Lesões na Coluna do Nepal, a fim de ajudar carregadores que sofreram acidentes semelhantes ao dele.*

## QUASE PERFEITO

Numa noite em que já recebera muitas ligações telefônicas, meu pai pediu que disséssemos a quem ligasse que ele não estava em casa e que telefonaria de volta mais tarde.

Tudo ia bem até minha irmã mais nova dizer a alguém:

– Ele não está. Quer que ele retorne a ligação? Só um instante... Pai, por favor me passe a caneta!

